

Comunicação, educação e tecnologias: Notas para um cenário contemporâneo

Rafael Rocha Jaime *

Universidade Estácio de Sá

Coloquemo-nos no estado de espírito de um jovem estudante, quer dizer, num estado de espírito que, na época tumultuada e agitada em que vivemos, é algo totalmente incrível: é preciso tê-la experimentado para que pudesse parecer simplesmente possível esta ilusão despreocupada, essa tranqüilidade, conquistada no momento e, por assim dizer, estranha ao tempo (Nietzsche, 2003, p.49) Que eu saiba, nenhum filósofo até agora foi suficientemente ousado para dizer: eis o termo aonde o homem pode chegar e que não seria capaz de ultrapassar. Ignoramos o que nossa natureza nos permite ser; nenhum de nós mediu a distância que pode haver entre um homem e outro homem (Rousseau, 1995: 45)

A segunda passagem citada do livro *Emílio ou Da Educação* de Jean-Jacques Rousseau, é desveladora no sentido de que aponta o elemento fundamental na compreensão das diferenças entre os homens, a educação. A distância para a qual o filósofo

atenta é justamente o espaço em que se opera a educação. Não somente por isso, mas pela complexidade que envolve o fenômeno, as sociedades em seus contextos históricos sempre estiveram atentas aos fatos da educação, que sempre foi utilizada como elemento de estruturação social¹. Sendo assim, o tema educação se constitui como um dos espaços mais instigantes à inteligibilidade, já que produz interveniências em todas as esferas da vida social. Na sociedade contemporânea, a educação passa mais uma vez por um balançar em seu alicerces. Nosso artigo pretende não entender as bases para essa nova configuração do ensino advinda com a sociedade da informação e com a cibercultura, mas convidar os leitores a reflexão sobre pontes para uma nova configuração da relação entre educação e comunicação. Pontes que a primeira epígrafe aqui mencionada pretende erigir. Com a curiosidade de quem sente que ensinar e aprender

*Jornalista, Especialização em Sociologia Política e Cultura PUC/RJ. Mestre em Ciências Sociais UERJ. Coordenador Adjunto e Professor do curso de graduação em Comunicação Social da UNESA. rafael.jaime@bol.com.br.

¹ Para Pierre Bourdieu o poder simbólico se divide em sistemas simbólicos como estruturas estruturantes e sistemas simbólicos como estruturas estruturadas (Bourdieu, 2003: 8-16). E a educação é um deles, já que, “toda ação pedagógica é objetivamente uma violência simbólica enquanto imposição, por um poder arbitrário, de um arbitrário cultural.” (Bourdieu, & Passeron, 1992: 20)

são faculdades de uma mesma faculdade que nos eleva *além-do-homem*.

Sem dúvida, as duas principais instituições humanas são a Comunicação e a Educação, uma porque propicia ao homem a possibilidade da vida associada, e a outra porque forma o ser social. O possível e a forma há muito tentam conviver harmonicamente.

Segundo Aristóteles, o que proporciona ao homem o salto qualitativo em relação à todas as outras espécies é justamente a comunicação²; é o elemento que assegura a passagem do estado de natureza ao social, já que “as ações belas e justas, que a ciência política investiga, admitem grande variedade e flutuações de opinião, a ponto de se poder considerá-las como existindo apenas por convenção, e não por natureza” (Aristóteles, 2002: 18). Cabe a comunicação o espaço onde se *põem em comum* os valores que garantem a sociabilidade, por isso, “a palavra é a primeira instituição social”³.

No período em que a Arqueologia denomina de paleolítico, as condições de sobrevivência eram extremamente difíceis, e os agrupamentos humanos sobreviviam basicamente da caça e coleta de raízes e frutos. Nesse período, as técnicas comunicativas ainda se encontravam em um estágio bastante rudimentar, a linguagem era bastante simples mas assegurava ao homem um certo desenvolvimento. E foi a partir dessa linguagem que o homem pode transmitir as

² Segundo a concepção aristotélica “é evidente que o homem, muito mais que a abelha ou outro animal gregário, é um ser social. Como costumamos dizer, a natureza nada faz sem um propósito, e o homem é o único entre os animais que tem o dom da fala.” (Aristóteles, 1997:15).

³ Rousseau, Jean-Jacques. *A Origem das Línguas*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

técnicas de sobrevivência e moldar às gerações seguintes⁴.

Um novo salto evolutivo na experiência humana se dá na passagem ao neolítico, quando das novas necessidades engendradas por uma sociedade mais complexa, surge a escrita. A escrita já simbolizava e sedimentava o desenvolvimento social, político, econômico, cultural e tecnológico dos novos agrupamentos humanos. Nos estudos do campo da comunicação, a retomada do pensamento de Marshall McLuhan não pode esquecer para esse fato que as obras do autor canadense apontava: a idéia de que um meio remodela, reconfigura a sociedade.

Pegando como exemplo o Egito Antigo, a escrita se dividia em três: os hieróglifos, a hierática e o demótico⁵, e é claro que a diversidade da escrita já representava um reflexo das mudanças que a divisão social do trabalho havia operado nas sociedades humanas. Historicamente, a complexidade das sociedades passou a demandar uma especialização cada vez maior de tal forma que as atividades passaram à funções sociais⁶.

Da escrita ao alfabeto, o movimento foi um pouco mais rápido em termos de tempo, mas o reflexo foi profundo. O processo de alfabetização junto ao desenvolvimento tecnológico – pergaminhos, papiros e, poste-

⁴ Segundo Sloterdijk, a chave fundamental de compreensão do período paleopolítico foi a capacidade de replicação do homem pelo homem. Para mais ver, Sloterdijk, Peter. *No mesmo barco: ensaio sobre a hiperpolítica*. São Paulo: Editora Liberdade, 1999.

⁵ Giovannini, Giovanni. *Evolução na Comunicação: do sílex ao silício*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

⁶ Para mais sobre a divisão social do trabalho ver Émile Durkheim. *Da divisão social do Trabalho*. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1973.

riormente, o livro manuscrito – significava a democratização do acesso à informação, e por conseguinte, a circulação e difusão da cultura. Por toda a antiguidade o livro manuscrito reinou absoluto como principal sistema de difusão de informação e de organização dos estratos humanos. Como bem expressa McLuhan, “o alfabeto significou o poder, a autoridade e o controle das estruturas militares a distância” (McLuhan, 1964, P.100)

Os livros promoveram a continuidade no desenvolvimento da atividade cultural ocidental até que esse processo sofreu um processo estagnado⁷ pelos séculos VII e VIII, quando das invasões bárbaras a cultura foi quase reduzida a zero, sendo retomada quase um século depois após Carlos Magno reunificar o império. Essa retomada da cultura durante o período carolíngio foi quase exclusivamente uma obra do Clero, a partir daí se constituíram escolas em instituições religiosas. A sociedade medieval estava apoiada em uma economia pobre e uma estrutura política feudal, daí suas instituições de formação serem simples, pois “cada sociedad desarrolla las formas educativas que necesita” (Abbagnano & Visalberghi, 1974: 152).

O mundo medieval seria definitivamente abalado em virtude de um novo avanço nas técnicas comunicativas com a invenção da imprensa por Johannes Gutenberg e sua disseminação pelas mãos de homem como Martinho Lutero no século XV. A imprensa não só revolucionou a capacidade comunicativa mas concedeu um novo papel ao homem

⁷ Abbagnano, N. & Visalberghi, A. *História de La pedagogia*. México: Fondo de Cultura Económica, 1974)

como agente social. O resultado disso é o indivíduo moderno⁸ do qual somos a forma mais bem acabada⁹.

Nos séculos seguintes, essas idéias à respeito do lugar do homem na sociedade se sedimentaram através do Renascimento italiano, do Iluminismo, até que no século XVIII a estrutura medieval abre espaço para o surgimento das sociedades industriais. Segundo Raymond Boudon,

as sociedades tradicionais são caracterizadas por alto grau de homologia entre as estruturas familiares e econômicas e sociais; por conseguinte, a posição familiar é aí o principal determinante da posição social. Nas sociedades industriais, ao contrário, a posição social de um indivíduo... é por ele adquirida. (Boudon, 1981: 17).

O adquirido se tornaria o critério básico de organização social das sociedades modernas¹⁰, fazendo da escola uma das suas principais instituições. Sua função é não somente fornecer as competências necessárias à sociedade mas também selecionar e orientar os indivíduos para as posições sociais¹¹.

A partir deste pequeno panorama histórico fica explícito que a evolução das sociedades humanas no ocidente teve um direção es-

⁸ Louis Dumont designa de duas formas o indivíduo, em nossa proposição trata-se da segunda no qual o indivíduo se apresenta como ser moral. (Dumont, 2000: 20)

⁹ Lipovetsky, Giles. *Metamorfoses da Cultura Liberal*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

¹⁰ Para mais ver Barbosa, Livia. *Igualdade e Meritocracia*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003

¹¹ Boudon, Raymond. *A desigualdade das oportunidades*. Brasília: Editora UNB, 1981.

pecífica¹² e sempre esteve atrelada ao desenvolvimento da educação e de seus sistemas comunicativos.

Mas há ainda um elemento fundamental que entremeia sociedade, educação e comunicação, a questão técnica. O homem é um ser eminentemente técnico, que faz do próprio corpo o primeiro e o mais natural objeto e meio técnico, e nos elementos da arte de usar o corpo sem dúvida o fatos da educação predominam¹³. Como aponta Marcel Mauss,

“essa noção de educação das raças que selecionam em vista de rendimento determinado é um dos momentos fundamentais da própria história... É, em particular, na educação do sangue-frio que ela

¹² Norbert Elias no livro *O processo civilizador v2: Formação do Estado e Civilização*, demonstra como as sociedades ocidentais se orientaram para uma forma organização coletiva muito específica que o autor chama de civilização. Em virtude da complexidade e do estreitamento da teia de ação social, as atividades dos indivíduos passavam a corresponder a uma função social. Com isso, a sociedade passou a demandar cada vez mais previsibilidade e racionalidade por parte dos indivíduos para seu bom funcionamento. Isto significou uma profunda alteração no maleável aparato psicológico, de modo que o indivíduo passava cada vez mais a ser educado no comportamento – educado, no sentido de preparação para a vida em um certo contexto social, em uma certa sociabilidade – desde a mais tenra idade garantindo automatismo em suas ações. Assim, de acordo com a função social que cada indivíduo desempenha, níveis de constrangimentos são impostos, delineando a cada classe social em que o indivíduo está inserido. “tornando-se o tecido social mais intrincado, o aparato sociogênico de autocontrole individual torna-se também mais diferenciado, complexo e estável.” (Elias, 1993: 197)

¹³ Mauss, Marcel. *As técnicas do corpo*. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 407

consiste. E este é, antes de tudo, um mecanismo de retardamento, de inibição de movimentos desordenados; esse retardamento permite, a seguir, uma resposta coordenada de movimentos coordenados, que partem então na direção do alvo escolhido. Essa resistência à perturbação invasora é fundamental na vida social e mental. (Mauss, 2003: 421).

Não há dúvida de que a partir das transformações neurológicas¹⁴, e principalmente a partir do século XIX¹⁵, a especialização das funções em sistemas peritos¹⁶ se torna o ponto de sustentação da vida contemporânea.

Assim, a técnica se configura o elemento que revoluciona a sociedade, ou como propõe McLuhan, “A tecnologia significa constante revolução social” (McLuhan, 1967, p.40). Essa frase encontrada no primeiro livro de Herbert Marshall McLuhan - *A noiva mecânica* - parece sintetizar as idéias contidas nessa obra de 1951. Quando sabemos que a *techné* se fez *logos*, podemos ter uma clara concepção do que nos diz McLuhan. O trajeto da revolução de sua origem aos dias de hoje mudou, mas sua relação com a tecnologia permanece como essa evidenciada pelo teórico canadense.

Explorar as mudanças na sociabilidade, na subjetividade, no pensamento e na cultura,

¹⁴ Para mais sobre as transformações neurológicas no século XIX ver Simmel, George. *A vida metálica e a metrópole*. In: *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1967.

¹⁵ Para mais ver Singer, Ben. *Modernidade, hiperestímulo eo início do sensacionalismo popular*. In: *O cinema e a invenção da vida moderna*. 2ª Ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

¹⁶ Giddens, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991, p. 34-5.

efetuadas através das invenções técnicas do homem, era a preocupação de McLuhan. Esse trabalho não esquece o intuito de pensar a revolução causada pelas teorias de McLuhan no campo da comunicação indicando algumas possibilidades de pensar contribuições do teórico canadense ao pensamento sobre o ensino, agora a distância. Tal preocupação constitui a reflexão sobre o próprio conceito de homem na era das tecnologias informacionais, da sociedade marcada pela velocidade e pela virtualidade.

Reverberações das teorias de Marshall McLuhan que apontam para a idéia do homem como extensão do meio, reverberações tanto na arte como na discussão sobre o novo ambiente, sobre a nova mídia, sobre mais uma extensão do homem agora pensada como o virtual. O próprio virtual redesenha, e o pensamento sobre a comunicação tenta redefinir muitos conceitos, a relação do sujeito contemporâneo com a nova tecnologia da informação e da comunicação chamada *World wide web*. Em meio a esperanças democráticas, mudanças na subjetividade, interatividade e uma virtualização da realidade como pensar o que foi dito por McLuhan? Se muitos consideram que a aldeia global pensada por McLuhan se concretiza com a internet, fica a questão de como esse meio encaminha a discussão de uma outra forma, pois o homem conectado parece pensar¹⁷ de outra forma. Aqui a importância de refletirmos o ensino a distância nos parece fundamental.

Observa Marshall McLuhan, ao lado de seu filho Eric, em *The Laws of media*, que

¹⁷ A questão de uma possível mudança na estrutura do pensamento, de uma nova cognição, advinda com as novas tecnologias, é proposta de Pierre Lévy.

“os efeitos que transformam nossos órgãos artificiais – eles geram totalmente novas condições do ambiente de serviços e da vida – esses são os interesses das *leis da mídia* (McLuhan, 2000, p.87) . Esse texto não muito badalado de McLuhan nos parece indicativo para o ensino à distância. Novos ambientes de serviços e vida a partir de uma outra relação entre homem e máquina encontram-se nas plataformas desenvolvidas para a educação à distância. Um novo ensino nasce, pois um novo espaço começa a constituir-se. Um espaço livre, onde o professor é mais que um emissor e os alunos mais que receptores. Espaço que faz confluír aulas a distância, vídeos que educam e também deseducam. Enciclopédias e universidades com conteúdo por nós gerenciado Não custa lembrar-nos novamente McLuhan que o meio mensagem é.

O “movimento dos órgãos para com os objetos que exterioriza os meios de adaptação”¹⁸ , que Serres denomina como exodarwinismo nos soa complementar ao que preconizou McLuhan e é de suma importância para a reflexão de uma nova abordagem entre comunicação e educação.

Desde os primeiros instrumentos, saímos da evolução e adentramos um tempo novo, exodarwiano, cuja duração original repercutiu neles. Em contrapartida, essa duração original afetou esses mesmos instrumentos, mergulhando por sua vez numa outra evolução, foram eles que se transformaram e não nós (Serres, 2003, p.51)

A proposta de uma hominescência de Michel Serres é justamente pensar a pergun-

ta o que é o homem e tirar dela a idéia de que o homem é uma possibilidade. Serres vai propor através da hominescência essa transformação em nós, homens. Transformação que tem e precisa ter no ensino um eterno aliado. Na esteira de diversos autores onde Nietzsche pode ser o marco zero desse pensamento sobre o homem como um projeto contingente, Serres, a reboque de McLuhan, parece conceder a uma análise da técnica o caráter decisório para compreender a dupla mão entre homem e tecnologia. Os objetos marcam as distinções no homem. Assim um corpo novo “nasce das sulfamidas e dos antálgicos, a liberação nasce da pílula, a indústria agora alimentar da bioquímica, as comunicações modernas do elétron e das fibras óticas” (*Id., ibid*, p.180). Corpo que adentra os parangolés de Oiticica¹⁹ e hoje diante do computador co-cria. O computador como última etapa das mais variadas redes que caracterizam a história do homem.

Os computadores vieram contemplar esse segmento da hominização. Se essas máquinas podem ser chamadas de universais, elas merecem esse título justamente porque se encontram sob a égide da concentração. Por que temos necessidade de reunir livros, signos, bens de alunos, casas ou atividades, já que computador sempre fez isso? (Serres, 2003, p.195)

Refletir sobre a estocagem de informações é pensar a máquina como uma nova configuração do sujeito contemporâneo. Tal

¹⁹ A comparação de uma aula virtual com a obra interativa de Oiticica é bem elaborada por Marco Silva. O autor propõe uma pedagogia do parangolé tanto para o ensino presencial como para a nova modalidade de ensino a distância. Para uma boa síntese ver http://www.saladeaulainterativa.pro.br/texto_0004.htm

idéia parece confirmar como o homem se relaciona como uma extensão da máquina. Questões como a memória e as novas sensibilidades com a arte e a educação no ambiente virtual são alguns exemplos de como um novo homem deriva dos meios. Todas as mídias são criadoras, mais do que tradutoras. “As mídias criam um mundo que nós, bestas virtuais, temos tendência a acreditar que seja mais real do que o real.” (*Id., ibid*, p.266). É na relação com o objeto que Serres se aproxima de McLuhan. Ao acreditar que “a causa maior do advento e extensão da paz reside no estatuto hominescente que concedemos ao objeto” (*Id., ibid*, p.268), Michel Serres dá a tônica para se pensar os novos ambientes promovidos pela tecnologia e sua relação com o sujeito contemporâneo. Na mesma linha Félix Guattari parece antever uma nova relação homem/ meio

Essas objetividades-subjetividades são levadas a trabalhar por conta própria, a se encarnar em foco animista: imbricam-se umas com as outras, invadem-se, para constituir entidades coletivas – meio-coisa, meio-alma, meio-alma, meio-homem, meio-animal, máquina e fluxo, matéria e signo (Guattari, 1992, p.131).

No ensino à distância essas objetividades-subjetividades de Guattari ou a hominiscência de Serres que nos tornam meio-coisa, educação-coisa são mais que necessárias. O meio como mensagem nos demonstra a importância não mais somente da primazia da forma, mas de uma nova maneira de experimentar o mundo. Um McLuhan pedagogo afirmava que os meios audiovisuais eram “salas de aula sem paredes”, diante de todas as possibilidades dessas novas modali-

dades de ensino (dessas nossas aulas estendidas), McLuhan é a mensagem.

O teórico canadense Marshall McLuhan se referia à televisão em sua obra *Os meios de comunicação como extensões do homem* como uma sala de aula sem paredes, pensando as possibilidades do veículo. Hoje em uma sala de aula a mesma televisão divide com o vídeo e com as produções cinematográficas a atenção de alunos e professores para pontos importantes de diversas disciplinas dos mais variados cursos de graduação e dos ensinamentos fundamental e médio. Que bom professor não traz um vídeo para complementar sua aula. Em tempos onde o *Youtube* desponta como uma real possibilidade de acesso a informação como não pensá-lo também como um *locus* de educação. Cabe aos pesquisadores verificar aulas de pensadores contemporâneos que estejam disponibilizadas no sítio bem como outras possibilidades pedagógicas em formato de vídeos na web. Dentro das possibilidades democráticas da rede, a cultura do spoof (paródia e mais variados chistes) e a busca por produtos audiovisuais diversos consolida o *Youtube* como grande ferramenta [de ensino] do imenso arquivo audiovisual da humanidade. Um professor daqui uns tempos que não saiba selecionar vídeos que atendam aos interesses dos alunos em sala de aula estará perdendo uma real possibilidade de melhor educar. Um aluno que não encara o ensino a distância como real possibilidade de criação de novas formas de comunicação perde não só um novo possível que se cria, mas perde uma nova sensibilidade. Professores e alunos (ou simplesmente, homens) não podem perder o espírito de um jovem estudante, nem deixar de medir a distância

nossas distâncias em nome de uma medida comum.

1. Referências

- ABBAGNANO, N.; VISALBERGHI, A. *Historia de la Pedagogía*. México, D.F. : Fondo de Cultura Económica, 1996, p. 150.
- ARISTÓTELES. *Política*. 3ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.
- _____. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.
- BARBOSA, L. *Igualdade e Meritocracia*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- BOUDON, R. *A desigualdade das oportunidades: a mobilidade social nas sociedades industriais*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.
- BOURDIEU, P; PASSERON, J. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1992.
- _____. *O Poder simbólico*. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- DUMONT, L. *Homo Aequalis : gênese e plenitude da ideologia econômica*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2000.
- DURKHEIM, E. *Da divisão social do Trabalho*. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1973.

- ELIAS, N. *O processo civilizador Volume 2: Formação do Estado e Civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1993.
- GIOVANNINI, G. *Evolução na Comunicação: do sílex ao silício*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- GUATTARI, F. *Caosmose*, São Paulo: Editora 34, 1992.
- LÉVY, P. *Cibercultura*, São Paulo, Editora 34, 2000.
- LIPOVETSKY, G.. *Metamorfoses da Cultura Liberal*. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- McLuhan, M & McLuhan, E. *The laws of media*, Toronto: University of Toronto Press, 2000.
- MCLUHAN, M. *The mechanical bride*, New York: Beacon Press, 1967.
- _____. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo, Cultrix, 1964.
- NIETZSCHE, F. *Escritos sobre educação*. São Paulo: Loyola, 2003.
- ROUSSEAU, J. *A Origem das Línguas*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- _____. *Emílio ou Da educação*. São Paulo : Martins Fontes, 1995.
- SERRES, M. *Hominescências*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- SIMMEL, G. *A vida metal e a metrópole*. In: O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1967.
- SINGER, B. *Modernidade, hiperestímulo eo início do sensacionalismo popular*. In: O cinema e a invenção da vida moderna. 2ª Ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- SLOTERDIJK, P. *No mesmo barco: ensaio sobre a hiperpolítica*. São Paulo: Editora Liberdade, 1999.